

ESB, 13/1/68

AT. CASTILHO-4.1.6
Doc. 0027

Título: ESTUDOS FILIÓLOGICOS. homenagem a Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1967, 322 págs.

Assunto: Infelizmente ainda é pouco comum entre nós o hábito de homenagear especialistas com a publicação de miscelâneas de estudos; salvo erro, esta será a quarta publicação no país, tendo-lhe antecedido as em honra de M. Said Ali (1938), Antenor Nascentes (1941) e Clóvis Monteiro (1965); para o ano seguirá uma quinta, editada pela Faculdade de Filosofia de Marília, e consagrada ao helenista francês Robert Henri Aubreton.

Agradecimento: Cabe a Leodegário A. do Azevedo Filho organizar esta obra coletiva. Albino de Bem Veiga e Sílvio Eliu redirecionaram os estudos sobre os trabalhos de Serafim da Silva Neto.

Acolhem-se aqui colaborações que versam nas seguintes especialidades: A) Filologia: José Pedro Machado - "Nosse Teltra de Cláquin", estudo dessa misteriosa personagem das crônicas de Fernão Lopes, identificando-a com Bertrando da Guesclim e levantando a hipótese de que o primeiro cronista português tirou tal personagem de Pedro Lopes de Aylló. Leodegário A. do Azevedo Filho - "Regularidade das redondilhas na poesia dramática de Anchieta": continua aqui o professor da FFCL da Universidade de Guanabara seus estudos sobre Anchieta, de que nos deu excelente mostra com "Anchieta, a Idade Média e o Barroco", volume publicado ~~XX XXX XXXXXX~~ em 1966, examinando minuciosamente a métrica do auto "Na Vila de Vitória". Luís César Saraiva Feijó - "Células sonoras no verso moderno": considera a distribuição das consoantes no verso como fator de ritmo, analisando poesias de Nuno Machado. Nello Nóbrega - "Uma particularização da hipálage", que considera "essencialmente figura de construção, resumindo-se n. troca de determinantes" (pág. 213), podendo ser direta, inversa, intensiva, recíproca, cumulativa. Tasso da Silveira - "Análise literária", roteiro para uma análise literária exaustiva, com a relação das

monográficas que podem conduzir a uma síntese final. Celso Cunha - "Sobre o e paragógico na épica e na lírica": discute as correntes fôneas a respeito do e paragógico, umas o consideram-no arcaísmo ou vulgarismo, outras aceitando-o como vogal efetiva. Discute as opiniões que a esse respeito expõem F. Wolf, R. Lozy, A. Bello, Rm. Fidal, traz exemplos da lírica galego-portuguesa e outros, conclaindo que as formas paragógicas decorrem da própria estrutura rítmica, que estabelece, entre outras coisas, uma "tendência final trocáica" (pág. 315).

B) Linguística: Bernard Pottier - "Alternances vocelliques et zones phonétiques": considera que as vogais átonas integram um sub-sistema cujas variantes realizadas não são distintivas, antes de formas individuais, regionais ou sociais. José Pedro ~~XXXXXX~~ Rom. - "El metalinguaje en el análisis oracional": a propósito da definição de substantivo, analisa as soluções da Gramática da Real Academia de A. Bello; substantivo é a palavra que pode ser sujeito, mas como diversas classes de palavras podem sê-lo, entre o A. a considerar o fenómeno da substantivação, concluindo que qualquer classe que funcione como sujeito é um substantivo, posto que no plano da metalinguagem. Desenvolve então a idéia da metalinguagem e do met-signo, cujos atributos enumera. Evarildo Becken - "Um eco de S. Agostinho na língua de Vieira", examina as bases linguísticas da diferença ~~entre "crer e Cristo"~~ entre "crer e Cristo" e "crer em Cristo". Jairo Lima de Carvalho - "Mistura de tratamentos no português do Brasil": atribui a influência africana a mistura de tu e você corrente no Brasil. J. Mattoso Câmara Jr. - "Um caso de colocação": partindo do soneto A Cavaleira de Raimundo Correia mostra a importância da última palavra na oração e da posição do adjetivo em relação ao substantivo. Theodoro Henrique Maurer Jr. - "A origem da locução conjuntiva do que, introdutora do segundo termo da comparação": rejeitando a explicação de Júlio Moreira, origina a conjunção do que da "exten-

são etimológicas, mais tardias, de uma velha construção da língua, onde ela era perfeitamente regular e normal como aplicação de uma das formas correntes herdadas do latim, servindo nestas preposições de (que) como introdutora do segundo termo de comparação, que era nesse caso o demonstrativo neutro o, equivalente de aqueilo, e funcionando como antecedente de uma oração relativa" (pág. 272). A explicação é fundamental no estudo das fases de constituição da locução de que, de sua ocorrência no lado da conjunção que e de sua expressão românica. Ednek Hampf-Hampejs - "Tratamento coletivo do português no Brasil": recenseamento das palavras e expressões utilizadas no Brasil quando alguém se dirige a mais de uma pessoa. Augusto L. Que - "Amostragem do glossário do Livro da Vida de Cristo". Joseph M. Fiel - "Apontamentos de etimologia grega": explica a origem de desorço, lindos, mãgãos, magrão, omizim, oáer, oáer e encengur. Antenor de Azeites - "Origem das noções léxicas e das sintáticas". Natália de Arguiulo - "Itália, pequena Romênia no orbe românico".

C) Estilística: Artur de Alencar Tórres - "Emprêgo estilístico do pronome nós": o uso alternativo de eu e nós num mesmo texto explica-se por razões de expressividade. Jacinto do Prado Coelho - "Sobre a restituição da motivação lexical no português literário", definindo os seguintes processos: emprêgo de termos no sentido etimológico, quebra dos clichês, jogo de palavras, etc. Joaquim Ribeiro - "Problemática estilística de Coelho Neto".

D) Gramática: Cândido José Filho - "Um latifundismo gramatical": discorda das regras segundo as quais este, esse e aquêle se empregam diversamente, defendendo o princípio de que unicamente se opõe este a esse e este a aquêle. R. P. Mansur Guérios - "Conceito de correto e incorreto na linguagem": o uso deve fornecer o critério de correção gramatical, mas é preciso distinguir uso oral do escrito, pois a autoridade dos escritores não pode servir de critério para a linguagem falada.